



Zero Hora, 8 de Outubro de 2015

EM DIA

SEM ANTES E DEPOIS



PEDRO CEZAR DUTRA FONSECA
Professor Titular do Departamento de Economia e Relações
Internacionais da UFRGS

Acaba de sair novo livro de Joseph Stiglitz, *The Great Divide*, que poderia ser traduzido com vários sentidos cabíveis, tais como a grande “divisão”, “demarcação”, “cisão” ou até “ruptura”. Há duplo sentido, um temporal e outro sociológico.

A esquerda nunca perdoou a linha tênue entre cidadão e consumidor, mas a melhoria social era visível

O temporal seria a eleição de Ronald Reagan, marco na política americana. O sociológico, porque esta representa o fim de certo consenso das elites, que teria vigorado ao longo do século 20, de país voltado à inclusão: a ideologia da terra da liberdade e aberta à imigração, das oportunidades e do respeito à cidadania, que moveu o imaginário desde Tocqueville. País sem o peso dos privilégios da nobreza e do clero existentes na Europa, onde o subir na vida e a ética do trabalho seduziam a todos com a mobilidade social.

Nobel de economia, Stiglitz assinala que passou a haver uma cisão no país, aprofundando as diferenças entre ricos e pobres e revertendo um dos pilares da ideologia de que, por meio do consumo de massas, far-se-ia a inclusão

social. Um jogo cooperativo em que os ricos ganhavam produzindo enquanto os pobres e a classe média compravam. A esquerda nunca perdoou esta linha tênue entre cidadão e consumidor, mas a melhoria dos indicadores sociais era visível, o que inibiu qualquer postura antimerca-

do nos Estados Unidos. Stiglitz argumenta que, desde Reagan, a hegemonia das finanças preponderou sobre a produção e o consumo, gradualmente seduzindo a elite (termo que vai além da simplificação dos mais ricos, mas inclui intelectuais e políticos). Passou a existir um divórcio entre esta e a nação. A desigualdade passou a ser louvada.

O interessante para o leitor brasileiro é que a obra sempre sugere olhar também para nossa realidade. Salta aos olhos que o motivo das lamentações e críticas de Stiglitz não pode ser datado, em nosso país, com um antes e um depois, posto que tal cisão praticamente acompanha a história do Brasil. Este é um dos poucos consensos entre os principais “intérpretes do Brasil” – como Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro, Florestan Fernandes, Viana Moog e Celso Furtado, dentre outros. E se reatualiza a cada dia, basta ver como boa parte dos congressistas, e seu principal líder, portam-se diante da atual crise.